

Um Poema Inglês de Fernando Pessoa/Alexander Search¹

Maria Leonor Machado de Sousa
Professora Emérita/Universidade
Nova de Lisboa/CETAPS

Uma primeira abordagem generalista de Fernando Pessoa leva forçosamente à definição da sua obra apresentada por vários heterónimos – a par dos quais devemos incluir a sua actividade ortónima –, como aquilo que ele próprio definiu como “um drama em gente, em vez de em actos”. (Simões: 251-266) As personagens desse drama eram os vários heterónimos, todos eles com uma ficha biográfica bem definida e, no que se refere àqueles que o acompanharam até ao fim da vida, bem delineados quanto às características da obra que assinaram.

Já na fase inicial da sua actividade poética, a partir talvez de 1903, Pessoa estava obcecado pela criação de personagens que eram um desdobramento de si próprio, dos seus interesses e da sua maneira de escrever, de criar uma obra. Atendendo ao modo como decorreu a sua formação, não é de estranhar que as primeiras personagens fossem sobretudo inglesas e, dada a idade em que começou essa criação, tivessem uma existência efémera, que viria praticamente a perder importância face à obra de maturidade.

Todavia, é importante analisar a obra anterior, tanto pelo modo como foi definida como pela forma como evoluiu. Das criações inglesas, a mais importante é com certeza Alexander Search, que, num

1. Este texto foi apresentado no II Congresso de Estudos Anglo-Portugueses realizado em 2011.

pequeno caderno que Pessoa intitulou *The Transformation Book, or Book of Tasks*, foi definido como tendo nascido em 13 de Junho de 1888, em Lisboa (os mesmo dados do próprio Pessoa), com a seguinte tarefa: "all not the province of the other three". Os "outros três", também apresentados no mesmo caderno, são Pantaleão, Jean Seul e Charles James Search, revelando assim já a dispersão do poeta, entre um português, um francês e um inglês. Nesta confraria, Pessoa incluiu ainda David Merrick e Charles Robert Anon, cuja assinatura em algumas obras veio a ser substituída pela de Alexander Search, tal como a deste viera substituir a de David Merrick.

Ainda quanto a Alexander Search – é de notar o significado do apelido "Search", "busca", "procura", que explica a variedade de experiências a que se entregou – há que referir uma outra personagem, já citada, seu irmão mais velho dois anos, a quem caberiam traduções e prefácios, pois não era criador como Alexander. Para a análise destes primeiros heterónimos, remeto para o capítulo 1.8 de Teresa Rita Lopes em *Pessoa por Conhecer*, volume I, de 1990. Cingir-me-ei apenas a alguns dados de Alexander Search, que chegou a ter cartões-de-visita com a morada da avó de Pessoa e que teve direito a dois epitáfios, um dos quais apenas uma quadra:

There lies a poet who was mad and young
The two things that may go together,
And to the songs he sang
They were found in winter weather.

O segundo, mais longo, diz-nos mais alguma coisa a respeito desta personagem:

Here lieth A[lexander] S[earch]
Whom God and man left in the lurch
And nature mocked with pain and woe
He believed not in state or church
Nor in God, woman, man or love
Nor earth below, nor heav'n above.
(...)

A data referida para a sua morte, 1908, foi desmentida por ele próprio, pois aparecem ainda com a sua assinatura textos de 1910 e 1916. Mas a sua influência terá acompanhado a obra de Pessoa. Segundo Eduardo Lourenço, “a permanência temática do tempo e da morte contém em germe ou já em versão não retocável (...) o essencial de Pessoa definitivo.” Indo mais longe, Luísa Freire, que faz esta citação no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, diz ainda “em Alexander Search, e de uma maneira geral em toda a poesia inglesa de Pessoa, vemos que o mistério atravessa a maioria das composições e está presente em qualquer tema, sobrepondo-se ao real e ao concreto, pois”, segundo ele próprio, “tudo contém mais do que aparenta”.

É desta perspectiva, que considero derivada da sua formação inglesa e da influência que nele teve Edgar Poe, que tenho encarado a produção de Alexander Search, na qual incluo o poema anónimo que passo a analisar.

De entre os textos que foram atribuídos a Alexander Search, mesmo quando não estão assinados, destacam-se “Fragments of a poem called *The Old Castle*”, texto passado a limpo nas habituais folhas quadriculadas e nunca mais referido, não estando sequer incluído naqueles que foram rejeitados. Há que explicar que a parte que foi passada a limpo, pelo que aparentemente se pode considerar acabada, é formada por quinze conjuntos de versos aos quais não podemos chamar estrofes, porque alguns desses conjuntos são tão longos que seria impossível considerá-los como tal. Estão numerados em romano, de I a XV, ocupam 18 páginas contínuas e são datados um a um, no final, (de 1904, excepto o XII, que é de 1904-1905).² Alguns acrescentam o mês (Dezembro o X e o XV, Junho o XIII, Outubro o XIV).

Quanto aos fragmentos que dizem ainda respeito a *The Old Castle*, são muito curtos, com excepção do sexto. No que se refere à parte passada a limpo numa sequência, isso leva-nos a pensar, numa primeira reacção, que estamos perante um poema, um todo. Mas a verdade é que o discurso acaba por se revelar, talvez não fragmentário, mas pelo menos quadripartido.

2. O número XII ocupa dois terços da página 11 e as páginas 12-14.

Antes de entrar pelo caminho de análise, tão difícil que isso deve justificar o facto de este texto nunca ter sido estudado, há que contextualizá-lo na formação e evolução de Fernando Pessoa. Como é habitual e compreensível, pela data e pelo facto de, com essa data, estar escrito em inglês, encontramos nele repercussões iniludíveis da cultura e literatura inglesas que terão sido a base da sua formação académica em Durban. Elas incluem referências que um leitor português, pelo menos na época, dificilmente compreenderia. A primeira será Boadicea, a lendária rainha guerreira das Ilhas Britânicas que ainda hoje poucos conhecerão. Temos depois a exaltação de um guerreiro cuja fama, na luta contra os mouros, chegaria à “longínqua Albion”, geográfica e culturalmente bem longe do contexto histórico que reunia Espanha e Alcácer-Quibir. A seguir, no conjunto XII, aparece Milton a par de Homero. Não é possível ainda dissociar da cultura inglesa a escolha, para o cenário da história que forma a segunda parte do texto, de um castelo em Espanha,³ do qual declaradamente nos vai falar:

I shall sing of one long-shattered castle
I once beheld in beauteous Spanish land (III)

ou, mais pormenorizadamente:

I can better sing
Of one small matter, of an ancient castle
I once beheld in better Spain, which crowned
A steep, long hill, amid the foliage thick
Adorning, lording the subjected vale. (IV)

Dois dos fragmentos isolados (53^v-15) regressam a este cenário onírico, a respeito do qual o poeta contara a história em causa, uma das “wondrous tales/fantastic breathing for a fairy land”. Diz então

3. Em inglês, “castles in Spain” corresponde à nossa expressão “castelos no ar”, o que ajuda a classificar o tipo de história ligada a este castelo.

Oh let us visit the old castle there
 The old & void castle on the hill
 Which seems more old that memory ever
 (...)

Todavia, aqui já o poeta se situa “in the warm sunlight of the Lusian land”, onde segue (54^r-29)

Up the steep hill by a secluded road,
 A footpath leading from the world away
 (...)

Dois dos últimos fragmentos isolados (79-47^r e 144S-1^v) retomam este tema, partindo de oito versos que se repetem:

I thither dragged my wandering steps. Uprose
 Abrupt and sudden a tremendous frame
 Of shades that darkened to unvisioned night –
 Layer on layer blackning, like the clouds
 Vultures [mothers] of thunder that far-fetching stain
 An evening’s radiance.

Ainda sublinhando a base britânica da cultura de Fernando Pessoa, há que referir, na sua correcta linguagem inglesa, a utilização do termo *numbers* com o significado de *versos*, que o *Oxford English Dictionary* regista com data de 1588. Creio que o que ficou para trás e a análise do conjunto global que tratarei como “poema”, mas entre aspas, demonstram claramente que o heterónimo Alexander Search não é apenas um nome mas antes uma personagem que conheceu e absorveu bem a língua e a cultura que no universo pessoano lhe pertencem.

Concentrando-nos agora no que chamei “poema”, disse já que nos aparece intrinsecamente quadripartido. Talvez este conjunto passado a limpo, com a única emenda de uma palavra riscada de modo a torná-la ilegível e substituída por *flow* (*the river’s gentle flow*), fosse pensado para ser incluído numa obra de maior fôlego, talvez inimaginável para nós, tendo em vista que o autor era um rapaz de dezasseis anos. Tal como está, teremos que o considerar imaturo, sobretudo

por reunir ideias provenientes das suas leituras, sem uma conexão lógica. O título, que aponta para a segunda parte, que poderia ser destacada e apresentada mais solidamente como um todo, remete para uma época que no período de Alexander Search o atraiu, uma época antiga que neste caso seria a imaginária Idade Média dos românticos e que, em outros, sobretudo os fragmentos do que poderiam vir a ser contos de terror em prosa, já não eram claramente medievais, mas de uma época intemporal, que pelo menos não era a sua.

O título do “poema” tem a ver apenas com os conjuntos III a VI. A razão pela qual o poeta o escolheu é um dos exemplos da introdução incoerente ou pelo menos bizarra de um novo tema.

O início do poema

Man, strange embodiment of Nature, proud
Ephemeral creation, can I look
Untouched upon thee, calm can I survey
Thy joys and pains, thy struggle through this world
And last long closing of thine eyes in death

remete-nos imediatamente para o poeta inglês cuja influência é aqui mais marcante, Pope, que inicia a segunda secção da Epístola I do seu *Essay on Man* com uma apóstrofe:

Presumptuous Man! the reason wouldst thou find,
Why form'd so weak, so little, and so blind?

que leva à seguinte conclusão:

Then say not Man's imperfect, Heav'n in fault;
Say rather, man's as perfect as he ought:
His knowledge measur'd to his state and place;
His time a moment, and a point his space.

A seguir aos versos iniciais, Search proclama-se o tipo wordsworthiano de poeta, capaz de pensar e sentir de modo particularmente sensível à Natureza – “And not to look in vain at all that is”. Chora de enlevo, alegria e gratidão, e pensa, como Pope, que “o Homem seria o assunto mais próprio para a sua obra”.

No segundo conjunto, Search insiste na estranheza do poeta perante a inconsciência humana da sua grandeza real:

Has not thy mind enslaved all earth again?
Rulest thou not all beasts, thyself a beast?

O poeta gostaria de cantar o Homem como lhe é devido, com “força épica”, mas desiste porque acha que “o sublime não é próprio de uma alma moderna.”

No conjunto III refere heróis épicos – gregos, troianos, francos, godos e a Boadicea bretã – para reconhecer que são assunto forte demais para ele, o que o leva a preferir, segundo as suas palavras, “a worthless tale in worthless numbers”, ou seja, a história do castelo que dá título ao seu poema. Nos conjuntos IV e V repete a descrição do castelo, outrora imponente, quando “the strong Iberian/Lay not beneath the yoke of years”, mas agora “a miserable vestige of a ruin”. A propósito dele, recorda uma história que lhe contou um velho, uma história conhecida em todo o país, perpetuada de pais para filhos.

O tema é o amor entre Dolores (“ah, that name, that sad, strange name!”) e um primo. Sozinhos no mundo, passeavam conversando sobre os seus sonhos, a guerra e o amor, “he tall and proud of mien, / She tender leaning on his shoulder’s breath”. Ele ansiava por fama, pelas proezas de antanho que aquelas ruínas tinham testemunhado. Também ela desejava que a fama do seu cavaleiro se estendesse pelo mundo, cujo limite eram “the distant shores of Albion”.

Um dia soube-se que o vizinho rei português se preparava para ir atacar o “mouro odiado”. O cavaleiro despediu-se de Dolores e foi alistar-se no exército “which young Sebastian led in joy”. Consumada a tragédia da planície árabe (Alcácer-Quibir), não houve mais notícias: nem o seu cadáver foi encontrado, nem se sabia que ele se tivesse escondido algures. A donzela ia sentar-se todos os dias no lugar onde costumavam descansar, calada, enlouquecendo lentamente e olhando a estrada onde qualquer ruído despertava uma triste esperança. Quando dormia, também os seus sonhos eram tristes. Finalmente, ao morrer, dos seus olhos caíram as duas únicas lágrimas que alguma vez chorou. Ao baixar o caixão à terra, vindo da longa estrada aproximou-se um velho, em passos inseguros, o cavaleiro chegava finalmente!

Estamos em presença de uma história de balada, um género também tipicamente britânico, que a literatura erudita recuperara da poesia tradicional, quer reproduzindo os textos antigos, quer compondo novos poemas. Neste caso, a métrica é moderna, sem rima, e nisso se afasta do habitual, pois o Pré-Romantismo e o Romantismo cultivaram geralmente a forma estrófica e rimada, numa tentativa de manter o esquema popular.

Encontramos aqui os principais ingredientes do género: um castelo arruinado, que os namorados percorriam ao luar até à meia-noite, a guerra distante que os ia separar, uma história de tristeza, loucura e morte. Este caso enquadra-se realmente no tema mais glosado do Romantismo: o regresso do herói, tardio e que geralmente trazia desgraça. De entre as várias produções românticas que dele encontramos em Portugal, o mais importante é a que Garrett⁴ apresentou no grande drama da nossa literatura, *Frei Luís de Sousa*, que Fernando Pessoa talvez não conhecesse na época de Alexander Search, passada em Durban estudando de preferência a cultura britânica. Todavia, também aí encontrava este tipo de história. Só que aqui, numa atitude diferente da que entretanto tomava quando escrevia prosa, fugiu ao dramatismo exagerado da loucura violenta das exclamações de Maria ao morrer, mantendo um cenário suave e triste, num ambiente de loucura silenciosa que acompanha a heroína até à morte, a que a ironia do Destino não permitiu sequer que fosse de algum modo aliviada por um último encontro de amor.

Terminada esta história, pareceria que o objectivo do poeta estava alcançado, mas segue-se uma outra, que podemos imaginar estar ainda ligada ao castelo, embora isso não esteja expresso. E a transição de uma história para outra é feita de modo muito estranho, que só poderia ser entendido se entre as duas houvesse mais qualquer coisa. Na verdade, não há explicação para que a seguir à história trágica de Dolores se diga “This was the happy joyous throng”. A verdade é que nada do que foi acabado de contar implica multidões, ou alegria. O que o poeta vai contar agora é a história de “alguém de quem ele

4. O próprio Garrett apresentara já uma situação semelhante na obra que se considera a iniciadora do Romantismo português, o poema *Camões*, publicado em Paris em 1825. Ao regressar a Lisboa, vindo da Índia, o poeta vê passar o cortejo fúnebre daquela que foi geralmente considerada a grande paixão de Camões, Catarina de Ataíde, a musa Natércia da sua poesia lírica.

não falou” e que era muito diferente: aleijado e meio louco, era um homem de quem todos troçavam, e incapaz de manejar as armas. Todavia era bom, e as aves não fugiam dele, antes deixavam que as acariciasse. Solitário, vagueava pelos campos, apreciava as ervas e as flores, escutava os sons que atravessavam o silêncio da noite. Mas um dia, como num relâmpago, abriu-se-lhe o espírito. Transformou-o, mas não lhe deu a felicidade. Então resolve partir, despedindo-se assim da sua terra:

I go from thee,
My native land in pain, as one that leans
Dim-eyed and chill upon the vessel's poop,
Leaning and watching with an unknown dread
The rushing waters and receding shore. (X)

Breve os seus feitos foram conhecidos, mas bem depressa sentiu chegar o fim, que lhe custa aceitar mas é pretexto para longas considerações sobre a vida humana, a glória que ergue o homem só para o deixar cair de mais alto e sobre a morte, que deseja mas receia. Não quer o céu, a menos que pudesse ficar no meio dos ventos. Custa-lhe a ideia de perder a vida, os seus prazeres, o seu “espírito sem limites”. Se tudo na terra é “pó e nada”, para que serviu a fama de um Milton ou um Homero? Admira a Natureza que engloba tudo, desde um insecto até à “tremenda voz do mar revolto”, que se lhe revela completamente:

Day, morn and eve and night can speak to me;
All tell me secrets and all are conjoint
In being the expression of great Nature's voice (XIII)

Até que um dia viu em tudo a presença de uma Coisa que não morre, um Ser que existe em tudo. Então chorou de alegria e já não pode ter maior felicidade.

O “poema” termina em paz, com o conjunto XV:

What is a flower?
To thee a thing that buds and blooms and dies,
Emblem perhaps of human things; to me
An atom colour-known of life etern.

Quanto aos conjuntos soltos, pelo menos dois apontam para desenvolvimentos de que nada sabemos. Um deles (79-47^r) trata de um bravo Alonso, cujos feitos eram conhecidos de todos, outro (79-47^v) do “grande Belario”, referido numa frase inacabada.

Este “poema”, ou melhor, esta série de fragmentos que, no que se refere aos que foram passados a limpo, poderiam ter sido divididos em unidades temáticas, não é uma obra-prima, mas inclui trechos de boa qualidade poética, que não desmerecem a realidade de serem obra do grande poeta que foi Fernando Pessoa, mesmo quando incluídos no documento (48B-119^r) que inclui, segundo o autor, “poems written in childhood, or in boyhood – that is up to my sixteenth year – June 1904”, alguns dos quais foram inicialmente atribuídos ao ortónimo e só mais tarde apresentados como escritos por Alexander Search.

Obras Citadas

- Dionísio, João (ed.) *Poemas de Alexander Search*. Edição crítica de Fernando Pessoa – Série Maior, vol. V, t. III. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1999.
- Freire, Luísa (ed. e trad.) *Poesia de Alexander Search*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- Lind, G. R. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- Lopes, Teresa Rita. *Pessoa por Conhecer: I Roteiro para uma Expedição, II Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.
- Simões, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Livraria Bertrand, 3.^a ed., 1973.

Alexander Search Alexander Search Alexander Search
Alexander Search
Alexander Search
Alexander Search
Alexander Search